

HOGARTH, PINTOR SHAKESPEAREANO

Fernando Whitaker da Cunha

William Hazlitt (1778-1830), que iniciou sua brilhante vida intelectual como pintor, tornando-se, posteriormente, notável ensaísta, crítico e historiador, pronunciando-se sobre a importante obra artística de William Hogarth (1697-1764), escreveu: "other pictures we see, Hogarth's we read".

Efetivamente, documento imprescindível para o conhecimento de sua época, acompanha-se o desdobramento da pintura de Hogarth, também excelente desenhista e gravador, como se fosse desenvolvimento da trama de uma sedutora novela de costumes, com forte acento popular em suas significativas cenas. Criador da caricatura moral, libertando, sob outro ângulo, a arte inglesa de influências alienígenas, objetivou representar com as seqüências as vicissitudes de um mesmo personagem, no qual, constantemente, se projetava, dando às suas produções um forte conteúdo autobiográfico.

Nascendo, vivendo, sofrendo, produzindo e morrendo em Londres, tendo passado parte da infância em Smithfield, zona que não fora atingida pelo grande incêndio de 1666, a mágica e tentacular metrópole está toda na obra de Hogarth, movido por um abrasado civismo, com seu espantoso cortejo de contradições sociais em que a miséria e a opulência, acima das condições de espaço e tempo, se entregam, freneticamente, a uma grotesca, trágica e irresponsável sarabanda que, no século seguinte, seria registrada por Marx, então, um simples morador de Dean Street, em pleno Soho, que não era, contudo, bairro operário.

A paisagem urbana e psicológica londrina está admiravelmente refletida nas composições hogartianas que passeiam da reprodução de Convent Garden, de execuções públicas, de instantâneos de prostíbulos, clubes e **coffee-houses** elegantes ao registro de ruas imundas, de patéticos manicômios, de botequins sórdidos, cheios de bêbados (não fosse a embriaguez como a pobreza — um de seus temas constantes) e de prisões repletas e mal dirigidas.

Muitos de seus personagens falam e as legendas são preocupantes mensagens para a posteridade. Entendem alguns especialistas que os satíricos retratos morais traçados pelo pintor levam a compará-lo com

Shakespeare, analista profundo e incomparável da grande comédia da existência (“a tale told by an idiot”).

As próprias circunstâncias explicam Hogarth. Seu pai fora chefe de tipografia e malgrado mestre-escola e escritor, que se tornou gerente de uma sofisticada **coffee-house**, onde “the master of the House in the absence of others is always ready to entertain gentlemen in the Latin tongue”, vindo a cumprir pena por dívida, com o fracasso do empreendimento.

Sua mãe vendia pomadas para combater gripes, perdendo, nesses anos difíceis, dois filhos, irmãos do artista.

Para subir na escala social, mas, principalmente, para atender a uma vocação insopitável, tecnicamente, como discípulo havia sido do gravador Elis Gamble, no **atelier** da atual Leicester Square, Hogarth ingressou na St. Martin’s Lane Academy, que mais tarde refundaria para o aprendizado de jovens estudantes.

Seu casamento com Jane Thornhill, filho do pintor de assuntos históricos Sir James Thornhill, que se tornaria seu orientador, foi surpreendentemente estável.

A paixão pelo teatro influenciou muitos de seus trabalhos, que demonstram “action on stage”, e, por outro lado, refletiram na literatura. Henri Fielding (1707-1754), que morreu em Lisboa, transformou em palavras a crítica social e plástica de Hogarth, amigo, que ilustrou seu drama “Tom Thumb” e suas traduções de Molière.

O notável romancista, autor de “Tom Jones”, alías, parecia-se com um dos tipos de Hogarth. Pretendendo advogar, entregou-se a uma dissoluta vida, esbanjando seus bens e, para viver, voltou-se para as atividades literárias, vindo a obter, certamente, pelo prestígio que granjeara, o cargo de Juiz de Paz, em Londres.

O paradoxo acompanhou sempre o representativo pintor. Em 1748, numa viagem à França, em difícil momento político, foi preso como espião, por estar desenhando as fortificações de Calais, e, revoltado, produziu ele “Calais Gate”, como um veemente protesto histórico.

Muralista e irreverente crítico social, um fundamento ético de reconstrução é facilmente perceptível na construção temática de Hogarth, portador, diga-se de passagem, de forte sentimento religioso como demonstra sua pintura “The Pool of Bethesda”, para o **St. Bartholomew’s Hospital**.

A série de “The Marriage Contract” é uma sarcástica e demolidora visão de uma alta sociedade manobrada por interesses subalternos, voltada aos bens materiais, à cupidez da propriedade, como era da filosofia da época, sem qualquer sentimento nobre. Inicia-se com um contrato de casamento firmado entre o aristocrático e arruinado pai do noivo (que,

displicentemente, enquanto o progenitor conclui o ajuste, toma uma pitada de rapé, mirando-se no espelho) e o apatacado burguês pai da noiva, a qual, por sua vez, não manifesta qualquer interesse pelo ato.

A série prossegue, mostrando a dissipada vida do casal e suas noitadas, descuidando-se do pagamento das contas, para tormento do contador. No bolso do marido uma peça de roupa de outra mulher e no olhar malicioso da esposa, que se espreguiça, langorosa, um indício de que havia mantido relações extraconjugais.

A situação evolui. Surpreendendo a mulher com o advogado **Silver Tongue** (!), num bordel, o marido duela com ele, que foge de camisola, após feri-lo mortalmente, enquanto a adúltera pede perdão de joelhos, ao moribundo consorte.

A condessa, no episódio final, suicida-se, ingerindo láudano, e, enquanto jaz morta na poltrona, beijada pela filhinha, erguida pela ama, o pai lhe retira apressado os anéis do dedo.

A teoria artística dos desenhos de Hogarth é a "serpentine line" que dá às suas figuras um novo dinamismo e vítima, igualmente ele, dos males do etilismo, expõe seus efeitos devastadores na população, em quadros terríveis, como "Beer Street" e "Gin Lane", no qual um mundo caótico e anárquico parece desabar.

As pinturas de crianças, do autor da impressionante série "A Rake's Progress", sobre a degradação de um libertino, fazem-no um precursor de Freud, pois as enfoca sem sentimentalismo, exprimindo, em suas expressões às vezes sádicas, ausência de doçura e mesmo de inocência.

Merecem destacados, ainda, entre outros, os quadros "Virtue Unrewarded" e "David Hume"; o primeiro sobre **Clarissa Harlowe**, romance de Samuel Richardson (1689-1761), escritor muito lido no final do Século XVIII, admirado por Diderot e autor anteriormente de **Pamela**.

Richardson (ele próprio parecido com personagens de Hogarth), filho de um marceneiro, que passou, obscuramente, sete anos numa gráfica, vindo a desposar a filha do patrão, terminando por ter sua própria tipografia, objetivou representar, em **Clarissa**, a desventura das mulheres que se deixam iludir por sedutores, como Lovelace, personagem de ficção construído como um tipo.

O trabalho sobre Hume (1711-1776) mostra-nos cavalheiro volumoso, sentado absorto diante de um manuscrito, enquanto outros jazem no chão. O que vinculava Hogarth ao relevante filósofo e historiador escocês, que passou sua juventude na França (Reims) e foi preceptor, secretário de algumas personalidades, subsecretário de Estado e bibliotecário em Edinburgo, onde nasceu e morreu, foi, ao que parece, o ceticismo e o respeito à moral.

Com efeito, o conhecimento para o pensador era baseado em linhas empíricas, chegando ele (e não Hogarth) a descrever da religião, da Providência e dos milagres, fazendo, como historiador, rigorosa análise dos acontecimentos.

Seu rompimento com Rousseau deveu-se à instabilidade psicológica do amigo, ao "humeur ombrageuse" dele, sujeito a depressões.

A corrupção política, as soporíferas sessões do Parlamento, os poetas descuidados da vida material, os advogados presunçosos foram, outrossim, vergastados pelo pintor de olhos bem abertos para o mundo, como comprova seu conhecido auto-retrato.

A casa de campo (na área de Chiswick, hoje incorporada à cidade) para onde Hogarth transferiu-se, em 1749, passando lá, por conseguinte, seus últimos quinze anos, foi, na verdade, um refúgio tranqüilo de uma vida atribulada, longe do bulício da residência urbana de "Leicester Fields", fazendo-se acompanhar da esposa, da sogra e da irmã.

Na confortável vivenda (atualmente, significativo museu) que, após a morte do proprietário, da mulher e da irmã, incorporou-se ao patrimônio de uma prima da segunda, Mary Lewis, tendo sido aberta ao público, em 1902, e restaurada em razão dos bombardeios de 1940, sente-se, ainda, a presença do artista, pelos retratos de seus amigos (Fielding e Garrick, entre eles), por seus quadros, pelas ilustrações que fez do poema burlesco *Hudibras*, de Samuel Butler (1612-1680), autor que deve tê-lo influenciado.

Famoso por seu espírito fino, o poeta, que fora empregado de um juiz de paz, obteve, ao depois, a proteção de pessoas influentes que lhe permitiram dedicar-se à literatura, vindo, todavia, a falecer em extrema penúria, desamparado que fora por Carlos II. Em *Hudibras*, o fanatismo político e religioso dos contemporâneos foi exposto ao ridículo e, não obstante seu êxito, deve ter trazido ao poeta poderosas inimizades.

Outro interessante e curioso poeta satírico, esse contemporâneo de Hogarth, foi Charles Churchill (1731-1764), cura de uma paróquia, que levou uma dissoluta vida, morrendo, outrossim, na miséria e compondo com Butler, Fielding e Richardson, movimentada galeria trágico-cômica, afim com a temática do talentoso artista de que se cuida.

Eclesiástico foi, da mesma forma, o sutilmente irônico Lawrence Sterne (1713-1768), autor de "Tristan Shandy", que provocou escândalo, talentoso participante dessa brilhante época, e que tomara Rabelais por modelo. Desgastado pela desregrada vida que levava e que transparece em sua literatura, viajou para a França, vindo a escrever "Sentimental Journey", considerada, pela crítica, sua melhor produção.

Pintor da natureza humana, em seus sombrios e grotescos arcanos, fazendo de sua obra, constantemente, um *roman fleuve* de me-

ticulosa sondagem psicológica e de penetrante análise social, William Hogarth, há dois séculos desaparecido, é absolutamente atual, por seus inegáveis motivos de permanência expressos numa elaboração artística de inquietante conteúdo humano.